

CAPÍTULO 16

O Impacto das vivências em um curso de licenciatura em pedagogia a distância na vida das professoras-alunas

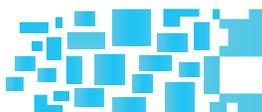
Maura Marques de Souza Nunes e Rosane Aragón

Introdução

“Quem não se mexe não aprende nada.”
Michel Serres

O Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia a Distância – UFRGS/FACED (PEAD) foi concebido com a finalidade de graduar, em nível superior, professores da rede pública estadual e municipal do Rio Grande do Sul, que estivessem atuando nas séries iniciais do ensino fundamental. Este curso de nove semestres, conta com o trabalho de professores formadores e tutores, que desenvolvem suas atividades a distância (*tutores da sede*) e presencialmente (*tutores de polo*). Estes últimos atendem em um dos cinco polos/escolas informatizados – Três Cachoeiras, Alvorada, São Leopoldo, Gravataí e Sapiranga.

Desenvolvido na modalidade a distância, o curso conta com momentos presenciais realizados nos polos, para fins de organização do semestre e articulação de conteúdos e atividades (CARVALHO; NEVADO; BORDAS,



2006, p. 15). Além disso, tornam-se momentos através dos quais os vínculos desenvolvidos “a distância” se fortalecem.

Diante destas demandas, o curso lança mão de um sistema de orientação sustentado no trabalho em equipe (CARVALHO; NEVADO; BORDAS, 2006, p. 24) – é o trabalho em conjunto que viabiliza uma visão articulada e contextualizada do processo de aprendizagem do aluno. Os professores desenvolvem conteúdos, atividades teórico-práticas, definem critérios de avaliação e compartilham retornos aos alunos com os tutores.¹ Estes incentivam continuamente a reflexão e interação das professoras-alunas na comunidade de aprendizagem (NEVADO; CARVALHO; MENEZES, 2009, p. 382).

Norteados por uma organização didático-pedagógica baseada em interdisciplinas que articulam os conhecimentos no semestre, o curso se desenvolve a partir de *eixos articuladores* para cada um dos semestres, com enfoques temáticos específicos. O objetivo primordial do curso é “Preparar o professor para a reflexão teórica (metarreflexão) permanente e a recriação das práticas escolares ao ampliar o conhecimento e o pensamento sobre o fazer pedagógico” (CARVALHO; NEVADO; BORDAS, 2006, p. 20). A experiência docente de cada aluna-professora é valorizada e discutida, oferecendo segurança e elevação da estima, necessárias a seu exercício profissional.

Nesse sentido, o curso se propõe a provocar transformações em nível profissional, acadêmico e pessoal, instigando reflexões e metas para que as alunas deem conta dos desafios que se apresentam no caminho. O modelo metodológico que norteia o PEAD “é centrado em atividades teórico-práticas sistemáticas, realizadas pelos alunos a partir das propostas das interdisciplinas” (NEVADO, CARVALHO; MENEZES, 2009, p. 383). A partir disto, busca instigar a autonomia do aluno no que se refere à organização do tempo e iniciativa para os estudos assim como a tomada de posicionamentos necessários nas suas relações.

¹ Os tutores possuem formação na área da Educação, especialização, mestrado ou doutorado, e capacitação continuada no PEAD para o trabalho em EAD.



Uma questão, então, aqui se evidencia: “quais foram as repercussões do curso de licenciatura em Pedagogia a distância na vida pessoal das professoras-alunas”? Este estudo tem, então, como objetivo identificar os impactos do curso na vida das professoras-alunas, analisando as mudanças que ocorreram na vida pessoal dessas estudantes.

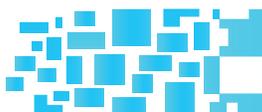
A fim de sustentar teoricamente as ideias e análises aqui apresentados, são utilizados como referencial JEAN PIAGET e PAULO FREIRE, e especialmente dois autores que contribuem significativamente com suas ideias para compreensão e desenvolvimento das reflexões lançadas adiante, no que se refere às transformações que podem ocorrer na vida das alunas do curso. São eles HUMBERTO MATURANA, biólogo, trazendo uma compreensão do ser vivo a partir da *Biologia do Conhecimento*,² e MICHEL SERRES, filósofo, com a ideia de *outramento*³ (tornar-se outro).

Transformações e aprendizagens – perspectivas teóricas

MICHEL SERRES concebe o aprender como um processo de tornar-se *outro* (*outramento*), no qual há um deslocamento de lugar do sujeito para um outro, novo, estranho ao anterior. CORTE e REAL (2007), pensando o autor, refere que “a identidade e a alteridade constroem-se no processo de interação onde o sujeito percorre o caminho entre o nós e o *outro* e vai se descobrindo” (CORTE REAL, 2007, p. 15). Além disso, o autor convoca a pensar que o aprender está relacionado à produção de si, de uma identidade singular que se constitui no coletivo de acordo com as experiências vividas. Entende-se alteridade como uma construção que compreende a existência do outro no mundo – assim, o sujeito conhece a si mesmo.

² MATURANA, Humberto. *Da Biologia à Psicologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

³ SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1991. 190 p.



A partir das experiências vividas, ocorre então uma nova configuração que identifica o eu (reconstrução). Para que se dê a aprendizagem, é necessário abandonar o ninho e deslocar-se de um lugar conhecido e seguro, para um *outro*, desconhecido e estranho, sem sucumbir à estranheza. Para o sujeito, mesmo na inquietude, a esperança está presente. É necessário entregar-se ao desafio a fim de tornar-se *outro*, do qual o *eu* antigo faz parte, constituindo a nova paisagem.

Diante desse percurso, no processo de *outramento*, novas relações se configuram. SERRES, de forma metafórica, diz que ninguém sabe nadar realmente “antes de ter atravessado sozinho um rio largo e impetuoso, ou um estreito, um braço de mar agitado” (SERRES, 1991, p. 11); há apenas um espaço numa piscina para se mergulhar em conjunto. Entende-se que a aprendizagem é um processo individual e coletivo, pois pode ser compartilhada com os parceiros de percurso. O importante é nadar, entregar-se ao desconhecido e experimentar, pois é o que leva o ser humano a novas aprendizagens do outro lado do rio.

A figura do Arlequim, proposta pelo autor, representa com perfeição como se configura o humano. Arlequim traz consigo uma camada espessa de mantos de arlequim (SERRES, 1991, p. 61); há uma multiplicidade, o cruzamento das sucessivas camadas que o revelam e também o dissimulam. Experiências e aprendizagens compõem o sujeito, marcando, revelando ou escondendo uma história que se configura numa paisagem singular, que identifica e diferencia cada ser. Chegando à outra margem do rio se aprende uma terceira coisa, chega-se a um terceiro lugar, e mais um retalho é agregado ao corpo, configurando uma composição única e bela por si só. Renascido, torna-se um *terceiro*, não mais o que *era*, nem o que *é* no novo lugar, mas um pouco dos dois, com novos significados compondo sua existência.

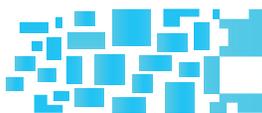
A aprendizagem consiste numa *mestiçagem*, na qual o novo se junta ao velho e nasce aí um *outro*, o mestiço, o *mestiço instruído* (SERRES, 1991, p.61). O autor entende a saída da criança da casa de seus pais, como um segundo



nascimento: “Todo a aprendizado exige essa viagem com o outro em direção à alteridade. Durante essa passagem, muitas coisas se mudam” (SERRES, 1991, p. 60), e ainda “(...) toda pedagogia recomeça o engendramento e o nascimento de uma criança (...)” (SERRES, 1991, p. 61). Todo desafio que se apresenta no viver, oferece oportunidades de crescimento e transformação, com riscos, mas também novas aprendizagens, possibilitando ao sujeito um renascimento numa outra versão de si, ampliada e mais colorida.

MATURANA e VARELA (2002, p. 55) caracterizam os seres vivos por produzirem continuamente a si próprios, pois se configuram no que chama de *organização autopoietica* – se autoproduzem interagindo com o meio, por isso é um ser autônomo, mas diferenciado em sua dinâmica. Entende-se que todo ser humano se diferencia nesse processo de autoprodução, a partir das especificidades advindas de sua história e experiências. Ele depende sim, do meio (é parte dele) e das relações que se constituem (compartilha sua existência com outros), mas deve ser ativo em sua existência. É na interação com o meio que o ser vivo constrói o mundo e é construído por ele – o que implica assumir responsabilidades por suas próprias ações. Ação e experiência são inseparáveis, pois os seres vivos “Aprendem vivendo e vivem aprendendo”. (HUMBERTO MARIOTTI *apud* MATURANA; VARELA, 2002, p. 12)

A autonomia é uma questão importante a ser pensada, especialmente na trajetória do aluno “distante”. FREIRE ressalta que “a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas (FREIRE, 1999, p. 120), ou seja, é através das experiências vividas e das escolhas que a autonomia se configura. Ela se funda nas responsabilidades assumidas, a partir da ciência das regras necessárias à caminhada e da vivência no coletivo, diferenciando-se do outro e considerando outros pontos de vista. Para PIAGET (1977, p.171-172) a autonomia é construída a partir das relações de respeito mútuo e só é conquistada a partir da cooperação. As regras, portanto, estão internalizadas, e o sujeito toma suas próprias decisões.

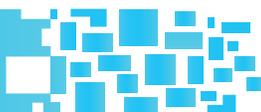


Esta é a possibilidade de cooperação que se instaura com a construção da reversibilidade da ação. Na autonomia as regras aparecem como resultado de uma decisão que deve ser respeitada na medida em que foram coletivamente tomadas. A regra é decorrência do respeito mútuo. Somente na medida em que o sujeito é capaz de descentrar de seu ponto de vista, colocando-se no lugar do *outro*, armando uma possibilidade de cooperação – operar com – que seu agir pode ser autônomo. (CORTE REAL, 2007, p. 30)

É na interação com o meio, com o outro (convivência) que o ser humano se transforma. MATURANA (2002) ressalta que “o aprender tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações”. E essa transformação ocorre em todo o organismo – corporal, cognitiva e afetivamente (MATURANA, 2002, p. 60). Isso significa que também é possível observar a forma como um indivíduo pensa e sente através de suas ações, fisicamente. CORTE REAL (2007, p. 13), pensando o autor, salienta que é o experienciar a vida que possibilita a aprendizagem – através das mudanças no conviver o ser humano se transforma e aprende. Assim, contribui o autor:

[...] aprendizagem é o caminho da mudança estrutural que segue o organismo (incluindo seu sistema nervoso) em congruência com as mudanças estruturais do meio como resultado da recíproca seleção estrutural que se produz entre ele e este, durante a recorrência de suas interações, com conservação de suas respectivas identidades (MATURANA, 1998, p. 32).

A partir do pensamento sistêmico de MATURANA no que se refere à evolução dos seres vivos, “Interagimos, nos transformamos e os mundos se transformam. Neste sentido, somos responsáveis pelo futuro de nosso plane-



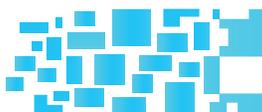
ta, de nossas relações interpessoais, da educação de nossos filhos”. (CORTE REAL, 2007, p. 35)

Ainda no que se refere à aprendizagem, o autor sustenta que quando alguém aprende algo, aprende em uma rede de conversações. Tudo o que é humano se constitui no entrelaçamento da linguagem e da emoção. São as emoções que definem o espaço relacional das ações. Um gesto, uma fala, terá um ou outro caráter, conforme a emoção que o originou. Sendo a cultura uma rede fechada de conversação, as emoções estão atravessadas por ela. (MATURANA, 2004)

O amor é o que funda o social, e é a partir daí que se fundam os domínios das ações. Sem a aceitação do outro como legítimo na convivência, não há fenômeno social (MATURANA, 2002, p. 68). Esta aceitação envolve respeito, cooperação, aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de *ser*. O autor ressalta, no entanto, que só é possível aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito por si mesmo. Surge, então, a responsabilidade – toda a ação (coordenada pela emoção) tem consequências na vida de outros seres humanos – postura reflexiva no viver. (MATURANA, 2002, p. 32-33)

Aceitar o outro como legítimo significa deixar o outro “ser”, independente de nossa verdade. É aceitar o outro com sua verdade, com a sua história. Não há verdade absoluta, ou acesso privilegiado à realidade, mas sim realidades distintas que se configuram no viver, e que naturalmente, não agradam a todos. Na *aprendizagem amorosa*, as relações são baseadas no amor, o que inclui a aceitação do outro como diferente. CORTE REAL (2007, p. 43) explica:

Não estamos falando aqui de um sentimento individual, mas sim de um modo de relação [...] De uma ética da aceitação da diferença [...] marcas que nos diferem do *outro*, como, por exemplo, a raça, a cor, a religião, o nível socioeconômico, as vivências culturais [...].

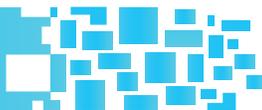


Todo ser humano tem suas características. Não é necessário gostar dessa ou daquela diferença, muito menos negá-la ou depreciá-la, mas sim, aceitá-la e respeitá-la, reconhecê-la como legítima em sua existência.

Metodologia e procedimentos

Este é um estudo qualitativo, baseado no levantamento e análise das respostas das professoras-alunas dadas ao instrumento “Questionário para avaliação do Desenvolvimento do PEAD”. Os questionários *online* foram aplicados às professoras-alunas dos cinco polos do curso, tendo como objetivo avaliar as condições de funcionamento do PEAD com relação ao seu desenvolvimento em cada um dos semestres (eixos articuladores do currículo). O questionário compreendeu questões agrupadas em itens abrangentes: G1 – *Identificação*, G2 – *Condições pessoais de acesso*, G3 – *Funcionamento do polo*, G4 – *Desenvolvimento do curso* e G5 – *Outras questões complementares* (não obrigatórias), as quais os alunos poderiam oferecer *sugestões* e fazer *comentários*.

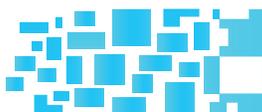
Para levantamento e análise dos dados foram considerados os questionários referentes aos semestres II e III (2007/1 e 2007/2 – reunidos em um instrumento para os dois semestres) e VI (2009/1), complementados por registros dos *blogs* de quatro professoras-alunas do PEAD, escolhidas aleatoriamente, que contribuíram mediante exemplos com a análise dos dados aqui apresentados. A análise tem como objetivo verificar a repercussão do curso na vida pessoal das professoras-alunas, tendo como base às respostas oferecidas à questão aberta e de resposta não obrigatória, pertencente ao grupo G5 “mencione pelo menos uma mudança em sua vida pessoal originada pelo curso”.



Análise

A concepção de “aluno” aqui apresentado é a de um sujeito de relações, inserido em um contexto social, cultural e econômico, com uma história e um ritmo de vida próprio. Tem seu trabalho e, no geral, uma família constituída sobre a qual tem responsabilidades. É um sujeito que influencia e é influenciado pelo contexto em que vive – escola, trabalho, família, entre outros. Entende-se, dessa forma, que a transformação que ocorre na vida destas professoras-alunas, a partir de suas vivências e aprendizagens no curso transcende o nível profissional e acadêmico – onde se dá a aplicação direta dos conhecimentos adquiridos – indo além das portas das salas de aula em que são docentes. A aluna/professora, então, torna-se *outro* a partir das relações que se constituem *no* e *com* o curso e novas relações se estabelecem a partir daí, pois o sujeito se modificou. Seguem algumas constatações e reflexões a partir da pesquisa realizada, e ainda experiências e sentimentos registrados e compartilhados por algumas alunas do curso, em seus *Blogs*. Seus nomes foram abreviados, seguidos do nome e data da postagem.

Através da questão geral já mencionada, ao final dos trabalhos do ano de 2007, solicitou-se às professoras-alunas que indicassem as mudanças percebidas em sua vida pessoal, decorrentes das atividades do Curso. O resultado obtido é apresentado no Quadro I. As Indicações apresentadas correspondem ao número de respostas dadas (não ao número de respondentes), as quais foram categorizadas e agrupadas para sua apresentação. De 409 respostas agregadas, evidenciam-se as três primeiras (que totalizam 212) – analisadas a seguir – ou seja, 53% das respostas identificam que o maior desafio deste período está relacionado à *superação pessoal* e à adaptação – leituras, organização do tempo, valorização de suas coisas. A tecnologia se impõe como uma dificuldade a ser superada.



Quadro 1 – Principais mudanças na vida pessoal – eixos II e III (2007/1 e 2007/2)

Mudança	Indicações	Porcentagem de respostas
1. Melhor organização do tempo para conciliar afazeres	92	23%
2. Mais autoestima e autoconfiança	69	18%
3. Lidar com as tecnologias de forma autônoma e uso social (inclusão digital)	51	12%
4. Aumento da capacidade de compreensão das leituras, mais cultura, mais conhecimento	33	8%
5. Desacomodação, disciplina, aperfeiçoamento	27	7%
6. Mais participação nos processos interindividuais, mais comunicação	26	6%
7. Uso dos novos conhecimentos na educação dos filhos e outras situações do dia a dia	19	5%
8. Maior comprometimento	18	4%
8. Mudanças no “olhar o mundo”, observação de detalhes, da beleza etc	18	4%
9. Mudança na rotina doméstica, redução do tempo para a família	17	4%
10. Mais autonomia e segurança nas opiniões	16	4%
11. Mais força e coragem para enfrentar os desafios	13	3%
12. Maior compreensão dos erros (seus e dos outros) / maior tolerância	10	2%

Fonte: Maura Nunes (2009)

No ano de 2007, os alunos cursavam o segundo e o terceiro semestre de curso, em plena adaptação ao desafio que se apresentava em suas vidas. Habitados a sua rotina de trabalho e familiar, agora havia algo novo em suas trajetórias. Estavam dando continuidade aos estudos, em busca de qualificação, depois de tanto tempo, na maioria deles, afastados da sala de aula. Ocupavam agora, o outro lado das classes – o outro lado do rio, retomando a metáfora de SERRES (1991, p. 11).



As interdisciplinas⁴ vigentes nesse período eram Escolarização, Espaço e Tempo na Perspectiva Histórica, Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia I, Fundamentos de Alfabetização (eixo 2 – segundo semestre); Artes Visuais, Literatura e Aprendizagem, Ludicidade, Música e Teatro na Educação (eixo 3 – terceiro semestre). A interdisciplina de Seminário Integrador ocorre durante o ano todo, acompanhando a adaptação no curso, iniciação e apropriação tecnológica dos alunos.

A maioria das professoras-alunas do curso trabalhava na rede pública, em sala de aula, ou em setor administrativo durante o período de 40 ou 60 horas semanais. Isso significa a ocupação de dois a três turnos diários com o trabalho. O tempo dedicado aos estudos para o PEAD ficava restrito ao período entre – turnos, após as 23h, e finais de semana, transitando, portanto, entre atividades profissionais, tarefas domésticas e estudantis. A média de idade das professoras-alunas – público eminentemente feminino – estava, no início do curso, em torno dos 36 anos de idade, com uma experiência no magistério distribuída predominantemente entre 5, 10 e 15 anos de trabalho docente. A maioria delas tem família nuclear, com filhos pequenos ou adolescentes (NEVADO, CARVALHO; MENEZES, 2009, p.376). A aluna C. faz um registro peculiar em seu *Blog*, ao qual é possível relacionar a resposta mais indicada, apresentada no Quadro 1, sobre a “necessidade de uma melhor organização do tempo para conciliar afazeres” (23%).

“Está sendo tudo tão corrido no curso, muitas atividades juntas. Sei que ao final de tudo vai valer a pena. Mas conseguir conciliar as atividades do Pead, trabalho e filho é desgastante, exige muito de mim. Tivemos um tempinho fora das salas de aulas mas este tempo foi muito curto para colocar todas as atividades em dia.” (C. – Atarefada – 29/07/2007)

⁴ As Interdisciplinas compreendem a abordagem de um tema amplo, que contém inúmeras possibilidades de enfoques temáticos e teórico-práticos. (CARVALHO; NEVADO; BORDAS, 2006, p. 22)



Novas responsabilidades e novas demandas, organização no tempo e no papel familiar, estabelecimento de limites entre tarefas e, ainda, experimentar um curso de graduação desenvolvido a distância. Como movimentar-se em um lugar estranho e novo e fazer valer à pena? SERRES (1991, p.60-62) diz que é necessário abandonar o ninho e deslocar-se de um lugar conhecido, para outro, desconhecido, sem sucumbir à estranheza.

A necessidade do exercício da autonomia surge e, conforme FREIRE (1999, p. 120) é na experiência da tomada de decisões que se constitui. MATURANA e VARELA (2002, p.52-55) situam a autonomia como característica nos seres vivos, pois estes se autoproduzem continuamente interagindo com o meio.

A partir deste período, então, tiveram de lidar com o uso da tecnologia, com o virtual, o que não fazia parte do cotidiano da maioria deles. Utilizar a *internet* e o correio eletrônico, construir *blogs*, *pbworks*, participar de fóruns e listas de discussão, acessar a plataforma de aprendizagem eram desafios postos ao novo lugar ocupado – eram professoras-alunas a distância. Na postagem da aluna J. é possível perceber outros desafios propostos nas outras duas respostas mais indicadas (Quadro 1), referentes ao “aumento da autoestima e autoconfiança” (18%) e à “necessidade de lidar com as tecnologias de forma autônoma” (12%). Outros aspectos chamam atenção na pesquisa: as professoras-alunas passam a se interessar mais pelo conhecimento, a comprometerem-se mais e a perceberem a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos em suas vidas, entre outros.

Ao tomar conhecimento do PEAD senti que seria a minha grande chance. Tive dúvidas se conseguiria passar pela barreira do vestibular. Vitória [...] No primeiro dia de aula, estava sentindo-me o máximo, no segundo aterrorizada..., wiki, blog, gmail, tecnologia avançada demais. Passado o susto inicial, estou mais familiarizada com tudo isto e até posso dizer que estou achando estas palavrinhas bem lindinhas. Sei que ainda estou tateando nesta área, mas estou acreditando mais em mim e tenho certeza que logo me tornarei uma grande ou quem sabe média internauta. Tenho grandes expectativas em relação a este curso. Até breve!”(J. - Estou mais tranquila – 16/04/2007)



Os desafios surgem e um novo *eu* se vislumbra com as aprendizagens. O aprender, para SERRES (1991, p.61), se relaciona à produção de si. A partir das experiências vividas se dá a reconstrução, uma nova configuração que identifica o *eu*. É possível perceber no registro da aluna a valorização da oportunidade que se apresenta, mas também o temor diante do novo, misturados à confiança e à esperança que nasce na experiência. Refletindo sobre as ideias de SERRES s, para o sujeito, mesmo na inquietude, a esperança está presente. É necessário entregar-se ao desafio que surge diante do novo, para tornar-se *outro*, do qual o *eu* antigo faz parte. Ninguém sabe nadar realmente antes de ter atravessado sozinho um rio largo e impetuoso. (SERRES , 1991, p. 11)

Nestes últimos dias, os sentimentos foram os mais variados possíveis: felicidade, desespero, aflição, angústia, ansiedade,... hoje parei, refleti muito. Concluí que, antes de mais nada, precisarei de paciência. Só se consegue chegar ao alto de uma escadaria, subindo um a um os degraus [...] Guardei o desespero em uma caixa e lacrei, a aflição e a angústia foram contidas dentro de uma mala chaveada, joguei a chave fora só para garantir, quanto a ansiedade escondeu-se rapidamente embaixo do meu travesseiro, fiz que não a vi. Espero que amanhã ao sair para a escola, não me acompanhe. Vou dormir um pouco e estender minha rede, talvez consiga apanhar muitas “esperançazinhas” coloridas e faceiras e guardá-las rapidinho para serem minhas companheiras nestes 1.460 dias que me separam da minha formatura.” (J. – Um passo de cada vez – 18/04/2007)

O registro a seguir representa de forma preciosa o ano de 2007 experienciado pelas professoras-alunas, no qual esteve presente o processo de conscientização sobre suas responsabilidades em construir o seu percurso. Era preciso “mergulhar” na experiência e entregar-se ao desconhecido, o que leva o ser humano a novas aprendizagens do outro lado do rio – transformação, sensação de renascimento.

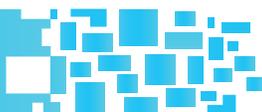
Apesar do cansaço que estou sentindo nestes últimos dias, estou imensamente feliz por estar aqui, (...). Sempre lutei muito para alcançar meus objetivos e, por mais que demore a alcançá-los, consigo chegar lá. Não sou mais uma menina, longe disto, mas hoje se alguém me perguntasse qual minha idade poderia dizer, tranquilamente, 18 e estou só



começando. Parabéns para mim e para todos que assim como eu, acreditam que é sempre hora de recomeçar. Chegaremos lá certamente. Tenho certeza que este curso muito me acrescentará, me trará visões diferenciadas dentro da educação o que beneficiará meu trabalho e a minha vida pessoal também. O caminho não será fácil, será necessário persistência e muito trabalho, mas sei que a recompensa virá. Um grande abraço. (J. – Apresentação – 12/04/2007)

Diante disso, relembro SERRES (1991, p. 61), toda pedagogia retoma o nascimento de uma criança. Em todo desafio há riscos e dificuldades, mas também possibilidade de transformação, proporcionando ao sujeito um renascimento numa outra versão de si, que só acontece a quem se entrega à experiência. Os seres vivos “Aprendem vivendo e vivem aprendendo” (HUMBERTO MARIOTTI *apud* MATURANA; VARELA, 2002, p. 12), ou seja, constroem o mundo e são construídos por ele assumindo as responsabilidades por suas próprias ações.

Já ao final dos trabalhos do primeiro semestre do ano de 2009 (sexto semestre), ao solicitar a mesma questão mencionada, é possível constatar um resultado diverso – Quadro 2. De 235 respostas agregadas, evidenciam-se as três primeiras (totalizadas em 133), ou seja, 58% das respostas identificam como o maior desafio aos alunos, as *relações*. As questões *tempo e tecnologia* já não são mais prioritárias, pois é momento de reavaliação de posturas – inclusão, revisão dos relacionamentos, de olhar as pessoas de outra forma.



Quadro 2 – Principais mudanças na vida pessoal – eixos VI (2009/1)

Mudança	Indicações (?)	Porcentagem de respostas (?)
1. Compreensão e aprendizagem com relação às diferenças (necessidades especiais e questões étnico-raciais), novo olhar sobre a inclusão.	65	29%
2. Mais reflexão sobre a própria vida, autoconhecimento, reavaliação de posturas e compreensão com relação às pessoas.	36	15%
3. Aumento da autoestima, mais autoconfiança e superação das dificuldades.	32	14%
4. Reorganização do tempo.	24	10%
5. Maior embasamento teórico e mais atenção para leitura e pesquisa.	19	8%
6. Melhoria no relacionamento interpessoal, maior tolerância e compreensão.	15	6%
7. Compreensão dos estádios de desenvolvimento.	10	4%
7. Maior utilização das tecnologias.	10	4%
8. Mudança na vida pessoal e familiar	08	3%
9. Mais felicidade; realização pessoal.	06	3%
10. Redução do tempo para a família.	05	2%
11. Mais importância à argumentação.	03	1%
12. Percepção sobre a importância de apoiar o aluno.	02	1%

Fonte: Maura Nunes (2009)

No início do ano de 2009, os alunos estavam no sexto semestre do curso. No ano seguinte estariam realizando seus estágios docentes e, no final, passando pela formatura, ou seja, a ideia do término de um percurso começava a se fazer presente. Reconhecem-se como alunos de uma graduação que tem possibilitado um novo modo de estar em sala de aula enquanto docentes, bem como em suas relações. Tem vínculos bem constituídos no curso e uma nova relação com o conhecimento, o que fez com que olhassem em outras direções, antes desconhecidas.

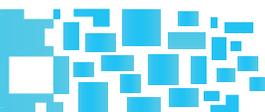


As interdisciplinas vigentes durante o Eixo VI eram Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia II, Educação de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais, Filosofia da Educação e Questões Étnico-Raciais na Educação: Sociologia e História. As questões tecnológicas seguem sendo trabalhadas pela interdisciplina do Seminário Integrador, além de outros conteúdos relacionados às práticas acadêmicas e profissionais dos alunos.

O foco desse semestre, portanto, era a Docência e os Processos Educacionais Inclusivos. A essa altura do curso, as professoras-alunas já atravessaram desafios de convivência, com trabalhos em grupo realizados a distância, enfrentamento de pontos de vista diversos, entre outros. Os processos de aprendizagem também foram alvo de estudo, lançando as professoras-alunas em um exercício constante de observar seus alunos de forma mais atenta e aprofundada, como sujeitos provenientes de certo contexto familiar e cultural.

A resposta mais indicada no Quadro 2 referente à “compreensão e aprendizagem com relação às diferenças e novo olhar sobre a inclusão” (29%), sinaliza de forma expressiva a repercussão das vivências e do momento das professoras-alunas no respectivo semestre do curso.

MATURANA (2002, p. 16) ressalta que é na convivência que o ser humano se transforma e aprende e que são as emoções que definem o espaço relacional das ações. Transformados a partir das interações no curso e aprendizagens, as professoras-alunas reavaliam sua relação com o meio, e um novo jeito de conviver se configura. MATURANA (2002, p. 60) ressalta que “o aprender tem a ver com as mudanças estruturais que ocorrem em nós de maneira contingente com a história de nossas interações”. E essa transformação ocorre corporal, cognitiva e afetivamente (MATURANA, 2002, p. 60). Desenvolvem-se então, relações baseadas no amor (aprendizagem amorosa), nas quais o outro é aceito como legítimo, nas suas diferenças – há um movimento até o outro a partir da compreensão (CORTE REAL, 2007, p. 43). O *outro* passa a ser visto como parceiro de jornada. Segue um dos registros da aluna K.



Todos somos especiais, o que difere são as ações de cada um. Diariamente nos deparamos com algumas situações em que a primeira reação é a de achar que não conseguiremos resolver. Daí vem o desespero e o sentimento de: Por que comigo? Aos poucos, e às vezes é muito aos poucos, vamos encarando a situação como um desafio que temos que enfrentar, para nosso amadurecimento e conseqüentemente o aprendizado. [...] Ninguém é suficientemente completo sem o apoio, amor, carinho, atenção e dedicação de outros.[...]Somos peças de um quebra-cabeça gigante, em que NUNCA se chegará ao final da montagem, a cada novo encaixe surgem novas expectativas e esperanças. [...] O caminho mais seguro, apesar dos tropeços, ainda é o chamado de AMOR.” (K. – Especiais... – Apresentação – 14/04/09)

A partir dos exercícios de convivência proporcionados pelo curso e de um novo olhar lançado ao outro, um novo olhar é lançado a si mesmo, proporcionando uma “maior reflexão sobre a própria vida e com relação às pessoas”. Estas são mudanças em destaque relatadas pelas professoras-alunas (Quadro 2) – 15% das indicações. Há uma reavaliação de postura com relação a si mesmo e às pessoas.

[...] Para cada fase de minha vida um desafio foi lançado, objetivos foram alcançados e muitas novas aprendizagens conquistadas. Se pudesse voltar atrás certamente muita coisa faria diferente, mas é preciso fazer dos erros novos acertos, para isso é fundamental reconhecer, refletir e buscar mudanças. [...] Aceitar críticas, trabalhar em grupo, respeitar as diferenças, tolerar mais, interagir e fazer prioridades na vida são algumas dessas mudanças que fazem bem particularmente e profissionalmente. [...] Atualmente discutimos com mais naturalidade sobre problemas raciais, etnias, trocamos experiências sobre tecnologia e inclusão. [...] temos muito a aprender e muita interação para realizar [...]” (J. – Minhas aprendizagens – 29/04/09)

Assim, outras posturas e lugares são demandados no percurso. Há uma maior preocupação com relação ao outro e suas relações, e certa preocupação de como se apresentar perante o outro. Ao incluir e aceitar o *outro*, de forma mais flexível, há o desejo de sentir-se incluído e aceito. Segue a postagem da aluna J.



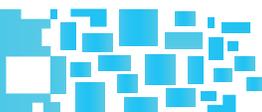
Um novo desafio é responsável por algumas noites maldormidas: ser mediadora em fórum composto por colegas de curso. [...] a responsabilidade é grande, pois mediar as discussões que serão realizadas pressupõe um grande conhecimento a respeito[...] (J – Novo Desafio – 07/09/2009). Na postagem anterior expus toda minha ansiedade, angústia, insônia, taquicardia [...]. Pois bem, ela (a atividade) iniciou e eu mesmo relutante, deixei de lado minha insegurança [...] O que me assustava mesmo era a receptividade dos colegas do meu grupo. Como reagiriam tendo a mim como mediadora, papel que até agora foi de professores e tutores? [...]” (J. - Pré-ocupação – 12/09/2009)

Ao interagir, CORTE REAL (2007, p. 35) ressalta que o ser humano se transforma e transforma o mundo. Responsabilidade é ter a noção dessa participação ativa no mundo e de que toda a ação tem consequências – envolve ética e compreensão dos próprios desejos, ou seja, uma postura reflexiva no viver. (MATURANA, 2002, p.33-34)

A professora-aluna passa a se posicionar diante das demandas do curso, a organizar-se para as tarefas e a buscar auxílio para as suas dificuldades. Isso traça um posicionamento subjetivo com relação ao próprio processo de aprendizagem e lugar no coletivo. Conforme diz SERRES (1991, p.14,) “quem não se mexe não aprende nada”. Desta forma, se apresenta como mudança pessoal (14% das indicações, Quadro 2) o “aumento da autoestima, autoconfiança e superação das dificuldades”.

SERRES (1991, p. 11) diz que ninguém sabe nadar realmente antes de ter atravessado sozinho um rio largo ou um estreito, onde sempre há um pequeno “espaço numa piscina para se mergulhar em conjunto”. As relações e interações se apresentam como fundamentais para o processo de aprendizagem do sujeito.

[...] Depois de tantas emoções quero agradecer a todas e a todos os colegas que colaboraram na construção destes projetos (escrita após apresentação no salão de iniciação científica da UFRGS do Projeto de Aprendizagem desenvolvido em grupo, na interdisciplina de Psicologia II, no PEAD). Inclusive aqueles que mesmo a distância fizeram sua parte com mensagens de incentivo e CORAGEM! [...] Muito Obrigada também



às professoras e tutoras da UFRGS e do Polo de Alvorada, que proporcionaram este momento especial! E a professora L. que acreditou em nós e não economizou noites e finais de semana na construção de nossos relatos, aliás, colaboração/cooperação e InterAÇÃO não faltaram! (...) (R. – EDUCADOR Educa a dor – 02/06/09)

Relacionadas às mudanças indicadas, outras há de se mencionar após um semestre tão intenso de estudo e experiências, conforme é possível observar no Quadro 2. Especialmente, após seis semestres no curso de graduação na UFRGS.

Iniciei o semestre cheia de energia, tenho que fazer vários pit stop para chegar na bandeira quadriculada [sic], ufaaaaa...tenho certeza que consigo, tenho força !!!!!!![...]40 horas de sala de aula(...)Iniciei dia 17, um curso a distância [...]E claro que não podia me esquecer do que me estimulou a gostar, invadir a internet de maneira diferente [...] o PEAD [...] Bom, meu relato tá muito bom, mas pelo que deu pra perceber, não posso marcar bobeira, até porque ainda tenho que comer, namorar, curtir o filho, estudar e dormir um pouco né?!Mas tem um lado positivo em toda essa correria, claro que tem que ter né??? Vou acrescentar muito na minha vida, pois são coisas diferentes e ao mesmo tempo tão iguais.” (K. – Estudar...Estudar...Estudar...– 31/08/09)

Percebe-se, ao final desta análise, que houve um amadurecimento das professoras-alunas no decorrer do curso. De desafios pessoais a relacionais, as questões indicadas sinalizaram as transformações e aprendizagens por elas mesmas evidenciadas em seus blogs. Muitas foram as mudanças percebidas em sua vida pessoal, decorrentes das atividades do Curso. Inicialmente, a tecnologia se colocava como uma dificuldade, que com o passar do tempo foi sendo superada, dando lugar a outros desafios. Mudança na rotina do trabalho e pessoal, ocupação de um novo lugar em suas vidas, no mundo e perante as pessoas, necessidade de organização no tempo, entre outras questões. Medo e confiança misturavam-se em suas experiências e à entrega ao novo, ao desafio.



Considerações finais

A partir das reflexões aqui apresentadas, fica evidente que a evolução em nível pessoal apresentada pelas professoras-alunas neste período somente tornou-se possível porque aconteceu no contexto de um curso que se propôs a promover transformações através dos desafios colocados. Observou-se uma dialética entre os momentos do curso e o desenvolvimento pessoal das professoras-alunas.

Inicialmente a necessidade do uso da tecnologia se apresentou como um grande obstáculo a ser ultrapassado. Um número significativo delas sem computador, ou mesmo sem ter um *e-mail* pessoal, estava diante de um grande desafio, *superar-se*. As interdisciplinas realizadas durante o ano de 2007, que versavam sobre o tempo numa perspectiva histórica e sobre aprendizagem, também sobre o lúdico e as artes, passaram a proporcionar reflexões às professoras-alunas sobre o próprio processo de aprendizagem e sobre construções antigas de conceitos que norteavam seu trabalho até o momento. Ocupavam, depois de tanto tempo, o outro lado da classe, lugar novamente desconhecido. Outras atividades se atravessaram na sua rotina, fazendo-se necessárias a autoconfiança, a organização pessoal, o reconhecimento de dificuldades ou lacunas de aprendizagem.

Nesse percurso, então, encontraram-se consigo mesmas e, nesse encontro singular, encontraram-se com o *outro*. Descobriram-se nas relações de cooperação, na cumplicidade do compartilhar de um momento de vida. Na parceria de jornada, reconheceram-se na diversidade de comportamentos e pensamentos e, na medida em que lançaram um novo olhar mais terno e flexível para si mesmas, olharam com amor para seu semelhante – o sentimento é de conciliar, não apartar. As interdisciplinas, neste momento do curso (2009/1), inspiraram um novo jeito de se relacionar, que transbordou o contexto acadêmico. Discutiram sobre necessidades educacionais especiais, questões étnico-raciais, de sociologia, filosofia da educação e, ainda, desenvolvimento e aprendizagem, reavaliando posturas.



Esse novo lugar ocupado certamente faz toda a diferença, tanto no exercício docente das professoras-alunas, como em todas as suas relações interpessoais, pois o desafio estava focado nas suas *interações*. Ao mergulhar na experiência, as professoras-alunas perceberam que não estavam sozinhas, e que sua própria evolução estava ligada ao desenvolvimento de seus colegas e alunos. O outro é legitimado na sua diferença. Ao final do curso, as comunidades de trabalho estão mais estabelecidas. As aprendizagens e transformações na vida das professoras-alunas ocorreram a partir das experiências vividas, atravessadas pelas interações e relações constituídas ao longo do curso, nas quais cada uma delas participa ativamente.

Referências

- CARVALHO, Marie Jane Soares; NEVADO, Rosane Aragón de; BORDAS, Merion Campos. **Guia do Tutor**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2006. 88 p. Disponível em <http://pead.faced.ufrgs.br/sites/informacoes/guias_impresos/guia_do_tutor.pdf> Acesso em 30 de set. de 2006.
- CORTE REAL, Luciane. **Aprendizagem Amorosa na Interface Escola – Projeto de Aprendizagem e Tecnologia Digital**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 134f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Instituto de Informática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 38. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2008. 148 p.
- NEVADO, Rosane Aragón de; CARVALHO, Marie Jane Soares; MENEZES, Crediné Silva de. Inovações na Formação de Professores na Modalidade a Distância. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.10, n.2, p.373-393, jun. 2009.
- MATURANA, Humberto. **Entrevista**. Brasília: Humanitates, v.1, n.2, nov. 2004. Disponível em <<http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista.htm>> Acesso em 05 de fev. de 2010.
- MATURANA, Humberto. **Da Biologia à Psicologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1991. 190 .

